

---

## Vivenciando os clássicos em sala de aula: adaptação d'*Os Lusíadas* para a literatura de cordel

*Experiencing the classics in the classroom:  
adaptation of the Os lusíadas for string literature*

Rodrigo Paz

Universidade Federal de Pernambuco

Nailson Monteiro

Universidade Federal de Pernambuco

### DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2020.n44a392>

### RESUMO

Devido aos constantes debates a respeito das dificuldades de levar a literatura clássica para a sala de aula do ensino básico, e com base na premissa da literatura como um direito humano, surgiu o interesse por investigar uma alternativa viável — além das já existentes, como as histórias em quadrinhos — para a realização deste trabalho no ensino-aprendizagem de língua e literatura. O presente artigo, de cunho qualitativo, objetiva discutir sobre a escolarização da literatura e apresentar a possibilidade de utilização da obra clássica *Os Lusíadas* no ensino básico a partir do recurso da adaptação para a literatura de cordel. Para isso, tomou-se como aporte teórico autores como Alves e Marinho (2012), Calvino (1993), Candido (2011) e Soares (1999). Desse modo, pôde-se perceber que a vivência com os clássicos no ensino básico é possível. Ademais, notamos que a adaptação, recurso criticado por alguns autores que argumentam em relação a um possível empobrecimento das obras literárias, quando realizada de maneira que preserve as características da obra adaptada, mantendo

sua qualidade, mostra-se como um meio produtivo para a efetivação do contato entre os alunos e a literatura clássica, garantindo, assim, o direito à literatura. Para além disso, a adaptação não impede que posteriormente os discentes venham a ler a obra original; pelo contrário, serve de passo inicial a essa prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura clássica; *Os Lusíadas*; adaptação; cordel.

#### **ABSTRACT**

Due to the constant debates about the difficulties of taking the classical literature to the classroom of basic education, and based on the premise of literature as a human right, there arose the interest to investigate a viable alternative — in addition to those already existing such as comics —, for the accomplishment of this work in the teaching-learning of language and literature. This qualitative article aims to discuss the schooling of the literature and to present the possibility of using the classical work *Os Lusíadas* in elementary school through the use of adaptation to the literature of twine. For this purpose, authors such as Alves and Marinho (2012), Calvino (1993), Candido (2011) and Soares (1999) were taken as theoretical contributions. In this way, it could be realized that living with the classics in elementary education is possible. In addition, we note that the adaptation, an appeal criticized by some authors who argue in relation to a possible impoverishment of literary works, when carried out in a way that preserves the characteristics of the adapted work, maintaining its quality, shows itself as a productive means for the realization of the contact between the students and the classic literature, thus guaranteeing the right to literature. In addition, the adaptation does not prevent later students from reading the original work, on the contrary, serves as an initial step to this practice.

**KEYWORDS:** classical literature; *Os Lusíadas*; adaptation; cordel.

### **Introdução**

Muitas são as dificuldades existentes no trabalho com a literatura no ensino básico: dúvidas sobre a escolarização, formação docente insuficiente para trabalhar com o texto literário e até mesmo falta de tempo para que o docente possa (re)ler obras com as quais precisa trabalhar. Dentre todas elas, surgiu o interesse de construir uma investigação sobre a escolarização da literatura, enfocando a estratégia

da adaptação.

A adaptação, um dos muitos modos de escolarizar a literatura, apesar de já existir em larga escala, inclusive nos acervos das escolas públicas, por incentivo de programas como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), é tema de debates que dividem opiniões. Alguns acreditam que a adaptação desqualifica a obra, outros argumentam sobre a importância e a utilidade de trabalhar com a adaptação, uma vez que é um modo de aproximar o aluno das obras clássicas e promover uma “dessacralização” da literatura, como propõe Barbosa (2001).

Tomamos, como conceito basilar, a ideia de literatura como “necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2011, p. 177). Portanto, partir de tal premissa exige a defesa de um acesso democrático à literatura, e uma vez democrático todos devem ser assegurados e abarcados por esse direito.

Ademais, sendo o acesso à literatura um direito que muitas vezes só se concretiza na escola, tendo em vista que por inúmeros fatores a maior parte dos alunos tem tal acesso inviabilizado em espaços não escolares, é papel da escola promover modos de construir pontes entre o aluno e a literatura, também a canônica. A partir disso, surge a importância da adaptação como um meio produtor de escolarizar a literatura e garantir o acesso dos estudantes ao universo literário.

A presente pesquisa objetiva construir uma discussão sobre a escolarização da literatura, bem como apresentar a possibilidade de utilização da obra clássica *Os Lusíadas* (2015), no ensino básico, a partir do recurso da adaptação para a literatura de cordel. Tal proposta funciona como modo de conduzir os discentes ao conhecimento dos clássicos, nesse caso o camoniano, por meio do contato com a literatura de cordel que se aproxima em larga escala de muitas das vivências dos alunos, tanto por sua linguagem acessível quanto por sua fluidez. Pretendemos, por fim, refletir sobre a contribuição de nossa

proposta para o ensino-aprendizagem da literatura e promoção do letramento literário.

### **Refletindo sobre concepções de clássico**

A princípio, é fundamental definir aqui a concepção de *clássico* que será trabalhada, diante da grande dimensão de sentidos oferecidos a esse termo. Ferreira (2000, p. 158) define *clássico*, numa acepção, como aquele “que segue, em matéria de artes, letras, cultura, o padrão dos antigos gregos e romanos”, e em outra, “da melhor qualidade; exemplar”. Sob essa visão, é possível depreender que um clássico tem um estilo que serve de molde, é “exemplar”, e por isso inspira autores. Pode-se dizer, ainda, que, por ser “da melhor qualidade”, está consideravelmente acima de obras que não seguem os mesmos padrões. Entretanto, essa tese é pouco consistente quando se comparam obras ditas clássicas de tão diferentes estruturas e culturas.

Por isso, para a conceituação deste termo, recorreremos aqui à designação de Calvino (1993), que apresenta algumas perspectivas das quais duas servirão de aporte neste trabalho. Primeiro, “dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los (1993, p. 10). Segundo: “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos (1993, p. 12).

Na concepção de Calvino, o clássico não se limita aos seus moldes estéticos, muito menos a um estilo dito exemplar, como na conceituação anterior. O autor nos expõe uma óptica voltada à contribuição pessoal que a obra pode oferecer ao leitor. Esta contribuição está voltada para o prazer, o conhecimento e originalidade de sentido no momento da apreciação. Isso confere uma biblioteca de clássicos

particulares, em que diferentes leituras tocam leitores distintos conforme seu grau de formação, repertório cultural, visão de mundo, interação com a realidade e, conseqüentemente, com a própria obra.

Especificamente sobre *Os Lusíadas*, André Rocha (1980) apresenta o porquê deste livro ser considerado um clássico:

O que faz a grandeza do poema é precisamente ser um poema. Algo que seu criador acrescentou definitivamente ao mundo, dando-lhe *sentido, arquitetura e beleza*. É a perenidade do tema da aventura marítima, com o que significava de superação das forças cegas da natureza e de abertura a uma nova *cosmovisão*. [...] É a *invenção imaginosa de símbolos* como o Adamastor, e a clarificação duma cosmogonia e duma filosofia da vida. É tudo isto que faz d'*Os lusíadas a epopeia de sempre* (ROCHA, 1980, p. 11, grifos nossos).

Desse ponto de vista, a obra literária, com temáticas como a aventura marítima, heróis do mar, a coragem empregada dos navegadores e seres como o Adamastor, abre à contemplação um terreno fértil à imaginação humana, sobretudo infantil e juvenil. No entanto, muitas vezes ela é impossibilitada de ser trabalhada em sala devido à sua linguagem de grande complexidade, que não se coaduna com o letramento escolar dos jovens.

### **A escolarização da literatura**

Parece-nos interessante iniciar a discussão sobre escolarização partindo de uma questão central: por que escolarizar a literatura? Tal indagação é importante visto que a escolarização da literatura não é ponto pacífico entre os teóricos deste campo; há aqueles que advogam sobre o caráter indisciplinar da literatura e a não necessidade de torná-la uma disciplina escolar. Por outro lado, há os que percebam uma potência positiva na escolarização da literatura e é nesse viés que nos inscrevemos.

Candido (2011) apresenta alguns argumentos que podem servir de subsídio em defesa do ponto de vista aqui apresentado, como o caráter humanizador promovido pela literatura. A leitura literária pode atuar de diferentes maneiras nos indivíduos: causar alegria, tristeza, contentamento, indignação e até mesmo desconforto. Por meio da literatura é possível deslocar o sujeito de sua posição e levá-lo a pensar a partir do lugar do outro. É nesse sentido que a literatura é capaz de humanizar.

Portanto, partindo da premissa da literatura como veículo de um caráter humanizador, é possível refletir sobre como sua escolarização pode ser facilitadora do encontro entre o estudante e a obra literária. A princípio, é importante encarar a escola como agência privilegiada de letramento, de acordo com Kleiman (1995), incluindo também o letramento literário. Muitos dos alunos brasileiros, por questões econômicas e/ou culturais, não têm acesso à literatura fora da escola. Em alguns casos, as bibliotecas escolares — tidas como instâncias de escolarização literária, segundo Soares (1999) — são os locais de primeiro contato de muitos estudantes com as obras literárias; logo, é papel da escola promover a construção de pontes entre o aluno e a literatura.

É evidente que a existência de bibliotecas não garante o acesso à literatura; isso se justifica por problemas já conhecidos sobre o funcionamento escolar, a ocupação de seus espaços pelos estudantes, entre outros fatores. Consequentemente, fica claro o papel do professor, como mediador do conhecimento, de levar o texto literário para a sala de aula e não só mandar lê-lo, como também discuti-lo e promover o despertar do leitor literário que os alunos podem vir a ser.

Entretanto, o contato com a obra literária também não garante que o aluno seja por ela envolvido, uma vez que “o confronto com a complexidade das obras do passado (...) leva muitas vezes o jovem leitor a afastar-se das obras literárias” (CONCEIÇÃO; GOMES, 2016,

p. 99). Uma possibilidade de superar tal problema é o professor, por meio do texto literário, inclusive adaptado, construir um ambiente confortável para que o aluno se sinta apto a criar afetividade com o livro, segundo Bragatto (1995).

Ademais, de acordo com Soares (1999), o problema não reside em escolarizar a literatura (*lato sensu*), mas no modo pelo qual a escolarização se dá. A tradição do trabalho da escola com o texto literário é levá-lo fragmentado, descontextualizado e até mesmo como pretexto para estudos gramaticais. O adequado, na verdade, é a construção de uma esfera afetiva, como já argumentado, atrelada à criação de objetivos no estudo da literatura. É preciso que tal estudo tenha validade para o alunado, como aponta Jouve (2012), ou seja, que exista a promoção do ensino-aprendizagem significativo. São essas, portanto, algumas das questões que precisam ser ponderadas na escolarização da literatura.

### **Teorizando a adaptação**

A adaptação, suas formas de apresentação e benefícios no ensino de literatura são pontos essenciais nessa discussão. Inicialmente, é importante mencionar que a presença dos clássicos em sala de aula muitas vezes ocorre por meio de metodologias remotas, que pouco instigam a capacidade intelectual do aluno, e não fazem que ele reconheça utilidade naquelas obras. Aliado a isso, o vocabulário erudito é outro fator responsável por afastar vários alunos das produções literárias. Nesse sentido, é perceptível o objetivo de apenas repassar o conteúdo programado sem que haja valorização dos fins lucrativos à vida pessoal dos discentes, como a afetividade. Logo, o trabalho com obras ditas clássicas de modo ultrapassado, sem levar em consideração as realidades sociais e culturais dos alunos, acarreta um desinteresse cada vez maior pela literatura e pelas suas obras em geral.

Desse modo, pretendemos aqui legitimar a adaptação como forma de promover a interação entre a literatura e os discentes, ao estabe-

lecer relação entre a produção e a realidade deles, sem que essa estratégia de ensino pareça empobrecer a composição canônica. Nesse sentido, Carvalho (2006) argumenta a respeito da importância desse recurso para a apreciação da obra, sobretudo para os jovens, ao apontar a importância da

[...] adequação do assunto, da estrutura da história, da forma, do estilo e do meio aos interesses e às condições do leitor infantil, o que não representa a escolha por um gênero inferior. Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por conseguinte, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo seu imaginário (p. 49).

O auxílio da adaptação, então, aproxima uma obra das condições acessíveis aos jovens, cujos novos estilos servem de recurso para a compreensão do texto original com viés didático. Assim, o texto-base ainda funciona como narrativa principal, mas por meio de uma linguagem de reconhecimento geral.

Ademais, defendemos que o primeiro contato do discente com o texto literário não precisa ser com a obra original. Planejamos, com isso, cativar o jovem para uma leitura pela qual ele seja capaz de criar afeição, prevenindo que essa interação seja, de certa forma, desestimulante. No que diz respeito a isso, Machado (2002) advoga:

[...] Também não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida



para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (p. 12-13).

Dessa maneira, visa-se, além de vivenciar com o aluno a obra planejada, de forma satisfatória, criar um rumo para que os alunos procurem, por conta própria, posteriormente, outros textos literários, adaptados ou não, que lhe proporcionem aprendizado e prazer.

Outra questão importante a ser pontuada é o fato de que o recurso da adaptação é malquisto por alguns sob o argumento de que assim se inferioriza a obra original, principalmente se ela for clássica. Em contrapartida, é necessário observar que as adaptações se fazem por meio de atividades de retextualização que “envolvem procedimentos de substituição, reordenação, ampliação/redução e mudanças de estilo, desde que não atinjam as informações como tal” (MARCUSCHI, 2010, p. 62). Ou seja, retextualizar uma obra dá margem a modificações significativas de diversas naturezas, inclusive de conteúdo; porém, a boa adaptação consegue não agredir o que, no texto original, se pretendeu enunciar.

Aliada à retextualização está a intertextualidade, outro elemento interessante que, ao considerar-se o contexto escolar, pode ser abordado com o fito de levar os alunos a perceber as consonâncias existentes entre a obra original e a adaptação. Por meio da intertextualidade, os textos podem estabelecer relações de diálogo, divergência, convergência e reiteração, como argumenta Koch (2000). Logo, é importante que fenômenos como a retextualização e a intertextualidade sejam abordados nas salas de aula para que os alunos possam estabelecer relações ao lerem os textos com os quais terão contato ao longo da vida. As adaptações se apresentam como terreno fértil para tal trabalho.

### **Adaptações d'*Os Lusíadas*: caminhos já traçados e a traçar**

A obra *Os Lusíadas*, dada sua relevância social, ao longo dos anos vem sendo interpretada e adaptada de diferentes maneiras. Com isso, cada releitura carrega consigo peculiaridades dos gêneros para o qual foi adaptada. O que se destaca, dentre as compreensões das diversas releituras, é o modo como a trama principal é contada, e concepções incorporadas pelos leitores a partir dela. A seguir, dispusemos algumas das adaptações existentes sobre a obra camoniana para a construção de um panorama das obras já elaboradas:

1) História em quadrinhos: *Lusíadas 2500*, escrita por Lailson Cavalcanti (2006).

A obra é uma releitura futurista do livro original. Nela, Cavalcanti incorpora a releitura por meio da adaptação para a história em quadrinhos. O autor, desse modo, recriou os cenários da obra de Camões, tomando o ano de 2500 como data de referência para a aventura épica dos portugueses, ao passo que adaptou a linguagem para um português mais acessível aos jovens de hoje. Cavalcanti substituiu a embarcação de Vasco da Gama por uma espaçonave, o mar pelo espaço sideral; os nautas portugueses foram transformados em argonautas e os deuses assumiram identidades contemporâneas, como *pop stars*, modelos e super-heróis. Já Vasco da Gama, o personagem que narra a história, ganhou sensibilidade psiônica em sua exploração pelos nativos. A íntegra dos dez cantos originais d'*Os Lusíadas* está apresentada em três volumes que compõem esta versão da obra.

Essa adaptação pode ser uma ótima opção para trabalhar a obra de Camões no ensino médio e até mesmo nos anos finais do ensino fundamental, uma vez que os elementos verbais e não verbais conjuntamente revelam quão atrativo pode ser o livro literário. Além disso, essa releitura permite uma interessante compreensão do sentido épico do poema, conferindo prazer de uma leitura clássica e de um romance de aventuras.

2) Teatro: *Os Lusíadas*: viagem infinita — Musgo Produção Cultural e Fundação Cultursintra.

Trata-se de uma peça construída com o objetivo de restabelecer os laços entre Portugal e a obra épica camoniana. Nesse ínterim, muitas são as influências deixadas pelos náuticos portugueses para mundo contemporâneo, ao desafiarem os mares e deuses, além das trocas comerciais e culturais. Partindo disso, a peça busca representar as aventuras portuguesas relatadas n’*Os Lusíadas*, que tanto auxiliaram o avanço da globalização. Assim, celebra-se a viagem universal, bem como suas peripécias e bonanças, objetivos traçados e resultados obtidos, recompensas palpáveis e espirituais numa duração de aproximadamente 50 minutos.

Essa releitura d’*Os Lusíadas* oportuniza um conjunto de efeitos cênicos capazes de ampliar a experiência do expectador diante da cenografia imersiva, efeitos sonoplásticos e representação dos episódios mais alegóricos do clássico português. Essa junção abre-nos uma porta de interesses que transborda a viagem à ilha dos Amores, pois abrem margem à interação entre a obra de Camões, a criatividade do grupo Musgo Produção e acréscimos particulares do público.

3) LivroClip ‘Os Lusíadas’ (2007).

Essa obra foi elaborada para facilitar a leitura do livro original. O LivroClip consiste na narração de trechos de *Os Lusíadas* e apresentação do ocorrido em forma de clipe. Tal adaptação representa a moldura digital do livro, incluindo uma animação sobre a obra original, além de trechos e a biografia do autor, que juntos transformam o livro em um material pedagógico relevante e lúdico para o uso de professores em salas de aula do ensino fundamental, médio e superior.

Por conseguinte, percebe-se que a relevância da obra camoniana inspirou diversas releituras, capazes de instigar diferentes sensações e experiências ao público. Por meio disso, é possível captar a essên-

cia desse livro épico ao mesmo tempo que se aproveitam características peculiares de distintos gêneros.

Essa pesquisa nos instigou, ainda, a procurar adaptações voltadas à literatura de cordel, pois, dessa maneira, poderíamos fazer um estudo comparativo, analisando aspectos relacionais entre textos originais e adaptados, assim como expõe Carvalho (2006). No entanto, após uma vasta pesquisa, não foram encontradas adaptações comercializadas d'*Os Lusíadas* para a literatura de cordel. Essa, inclusive, foi uma de nossas motivações para a confecção de um cordel que refletisse a obra épica de Camões, junto a alguns colegas de classe. Dessa maneira, mencionamos aqui algumas releituras existentes como modo de evidenciar que as adaptações já se fazem presentes e são consumidas por aqueles que buscam uma alternativa de contato com a obra camoniana. Mais além, analisaremos a adaptação d'*Os Lusíadas* para o cordel e como são realizadas as mudanças estruturais para o gênero em questão.

#### *Adaptação por meio da literatura de cordel*

A princípio, a adaptação pode ser percebida como um dos modos de promover o letramento literário, ou seja, proporcionar que o aluno seja um leitor crítico de textos literários, capaz de utilizar diferentes estratégias de leitura e dotado da capacidade de apreciar a literatura que consome. O letramento literário, apesar de não ser exclusivo da escola, precisa estar presente nela inclusive porque tal necessidade é legitimada por documentos oficiais como PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Sendo observado como um fenômeno a ser promovido pela escola, o letramento literário precisa ocorrer também, e talvez principalmente, no encontro do aluno com as obras clássicas. Por consequência do difícil acesso à literatura fora da escola, realidade de muitos alunos de classes menos abastadas, é no contexto escolar que há a possibilidade de mergulhar no universo literário, inclusive o clás-

sico. Sendo assim, o trabalho efetivo na escola com o texto literário — também adaptado — atua na promoção do letramento literário dos alunos.

Dentre as muitas possibilidades de meios para a adaptação, nossa escolha pela literatura de cordel é justificada partindo da ideia de que, com base em Conceição e Gomes (2016), trabalhar o canônico, por meio do cordel, é promover a junção da literatura clássica e da literatura popular, aproximando tais instâncias da realidade dos alunos. Logo, tal trabalho leva em consideração a experiência leitora e cultural do aluno visando expandi-la no contato com a literatura clássica.

Além disso, partir do já vivenciado pelo alunado é um modo de valorizar seu conhecimento prévio. Desse modo, a adaptação, também por meio da literatura de cordel, pode ser percebida como um “caminho mais democrático para aproximar grande parte dos leitores da tradição literária do ocidente” (BARBOSA, 2001, p. 20). O cordel apresenta aspectos lúdicos como a rima, elementos gráficos — xilogravuras, por exemplo — e linguagem coloquial com forte oralidade. Sendo assim, é um elemento que pode atrair até aqueles alunos que têm pouco ou nenhum interesse pela literatura, por enxergá-la como algo superior, difícil e até mesmo inatingível.

A literatura de cordel, inicialmente denominada de literatura de folhetos, pelos poetas populares, vem sendo objeto de pesquisa de inúmeros estudos, como Abreu (1999; 2004) e Ayala (2003), responsáveis por traçar um panorama sobre o universo da literatura popular e do cordel, além de Alves (2011) e Alves e Marinho (2012), autores empenhados em discutir algumas das possibilidades de escolarização do cordel.

A importância da cultura dos cordéis é indiscutível. De acordo com Palhano (1998, p. 23), “no cordel, portanto, o formal e o informal, o individual e o coletivo, a voz e a letra, a criação e a tradição

não constituem dois lados da mesma moeda, mas a substância fundida — e muito bem fundida — de que é constituída a moeda”. Portanto, fica evidente quão enriquecedor é trabalhar com esta literatura, dentro e fora da escola, uma vez que ela apresenta a herança cultural dos poetas populares e legítima, também, a cultura oral por vezes marginalizada e pouco explorada no contexto escolar, como argumenta Cavalcante (2013).

Ademais, a respeito da escolarização do cordel é necessário pontuar sobre a necessidade de não a utilizar “apenas como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas” (ALVES; MARINHO, 2012, p. 12). Tal argumento ganha força ao analisarmos que muitas vezes o cordel é utilizado apenas como pretexto para o trabalho com conteúdos escolares, deixando de lado toda a riqueza que tem a oferecer.

Em contrapartida, quando realizado um trabalho adequado com o cordel, considerando suas diversas instâncias, inclusive com o recurso da adaptação, é possível promover a inclusão nas escolas, uma vez que ele pode alcançar alunos com algum tipo de transtorno, como TDA (transtorno do déficit de atenção) ou TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade). Tais transtornos podem prejudicar a leitura de um clássico por sua linguagem densa e complexa; no entanto, se obras clássicas forem introduzidas por meio da adaptação para a literatura de cordel, estudantes com esses quadros clínicos podem sentir menos dificuldade e ver a literatura como uma possibilidade alcançável.

Vale salientar, ainda, que não pretendemos que a adaptação para literatura de cordel substitua a obra original; pelo contrário, nossa tese está ligada à adaptação como um dos caminhos para chegar ao clássico. Com base nesse trabalho, as escolas podem atuar no desenvolvimento de capacidades leitoras e no letramento literário dos alunos, evidenciando que a literatura é um espaço de possibilidades a que pode ter acesso todo e qualquer aluno, garantindo, assim, o

direito à literatura.

Algumas obras comprovam a viabilidade da adaptação para a literatura de cordel. Como exemplo temos a adaptação do livro *A escrava Isaura*, escrito por Bernardo Guimarães, realizada pelo escritor contemporâneo Varneci Nascimento. O clássico livro de Guimarães é uma obra do século XIX, e expõe os valores da sociedade da época em um período de campanha abolicionista. Para tanto, funda-se nas perspectivas de Isaura, uma escrava branca, de caráter notável. Tal obra teve grande repercussão e possibilitou que o seu autor fosse reconhecido como um dos mais populares romancistas de sua época.

A versão adaptada dessa obra foi escrita por Varneci Nascimento (2011). O título escolhido foi *A escrava Isaura em cordel*, e o livro conta com 48 páginas. O autor, Varneci Santos do Nascimento, nasceu em Banzaê (BA), dispõe de mais de 120 folhetos publicados e continua no seguimento de produção de cordéis.

O cordel de Varneci, adaptado do livro de Guimarães, é constituído de estrofes nas disposições abcbdb e abcbddb, que são tradicionalmente utilizados nos folhetos nordestinos, e captam o essencial do romance regionalista *A escrava Isaura*. O Quadro 1 mostra uma comparação entre um trecho do livro de Guimarães e a respectiva adaptação feita por Varneci.

<b>QUADRO 1</b> A escrava Isaura: comparação entre a obra clássica e a adaptação para cordel (CAVALCANTE, 2013).	
<b>No clássico</b>	<b>Na versão de Nascimento (2011)</b>
<p>Isaura era filha de uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador. Este, que como homem libidinoso e sem escrúpulos (...), lançou olhos cobiçosos e ardentes de lascívia sobre a gentil mucama. Por muito tempo resistiu ela às suas brutais solicitações; mas por fim teve de ceder às ameaças e violências. Tão torpe e bárbaro procedimento não pôde por muito tempo ficar oculto aos olhos de sua virtuosa esposa, que com isso concebeu mortal desgosto. Acabrunhado por ela das mais violentas e amargas exprobrações, o comendador não ousou mais empregar a violência contra a pobre escrava, e nem tampouco conseguiu jamais por outro qualquer meio superar a invencível repugnância que lhe inspirava. (...) Expeliu com impropérios e ameaças o bom e fiel feitor, e sujeitou a mulata a tão rudes trabalhos e tão cruel tratamento, que em breve a precipitou no túmulo, antes que pudesse acabar de criar sua tenra e mimosa filhinha</p>	<p>Um português conservado, Cheio de força e vigor, Seduzido por encantos Da mulata esse feitor Fez da relação brotar Isaura, seu grande amor.</p> <p>Almeida vendo a criança, Fruto daquela paixão, Aumentou ainda mais O ódio em seu coração Levando o monstro infernal A perpetrar má ação.</p> <p>Mandou Miguel ir embora Para oprimir a mulata; Impôs terríveis serviços, De maneira insensata, Um castigo impiedoso, Daquela que logo mata.</p> <p>Não demorou muito tempo, Aquela bela mãezinha, Por conta da violência Cometida, a pobrezinha Morreu sem poder mimar Sua mimosa filhinha.</p>

Frente às duas versões, é possível perceber que, em cordel, alguns fatos são reduzidos, mas o essencial dos diálogos é exposto, para que a ideia do livro original continue a fazer parte de obra. Além dis-



so, as características linguísticas do cordel são marcantes, pois atribuem ritmo e flexibilizam o entendimento do aluno ao atribuir um vocabulário recorrente no dia a dia dele, o que representa um ponto positivo na didatização do cordel.

#### *Uma proposta de trabalho*

Discutiremos aqui a proposta pensada para o trabalho d'*Os Lusíadas* com base na adaptação do cordel. Consideramos trabalhar a obra camoniana por meio de episódios, visto que ela conta com momentos emblemáticos, capazes de suscitar a imaginação do público jovem e fixá-lo na leitura. Os episódios escolhidos para o desenvolvimento desse projeto foram três, situados no canto VIII da obra, por se tratar de acontecimentos importantes para a trama da obra. Para além disso, acreditamos que essa proposta é de grande relevância para o aprimoramento do conhecimento dos alunos em relação ao cordel e a obras clássicas, como *Os Lusíadas*, e por isso ela pode ser integrada a trabalhos posteriores com outros episódios e cantos.

O projeto sugerido aqui conta com o planejamento de quatro encontros. Nos três primeiros, serão sondados os entendimentos dos alunos acerca da literatura de cordel e d'*Os Lusíadas*; ocorrerão também as leituras da adaptação em foco. Já no quarto encontro, propomos a participação de um cordelista, visando ao contato dos alunos com uma referência do cordel.

Os Quadros 2, 3 e 4 apresentam trechos que foram retirados da obra de Camões e adaptados para o cordel.

<b>QUADRO 2</b> Explicação das bandeiras portuguesas (episódio 1).	
<b>Obra original</b>	<b>Cordel</b>
<p>Vês outro, que do Tejo a terra pisa, Depois de ter tão longo mar arado, Onde muros perpétuos edefica, E templo a Palas, que em memória fica?</p> <p>Ulisses é, o que faz a santa casa À Deusa que lhe dá língua facunda, Que, se lá na Ásia Tróia insigne abrasa, Cá na Europa Lisboa ingente funda.</p>	<p>Repare nesse outro homi danado Ulisses é seu nome É protegido pela Deusa E a brabeza o consome.</p> <p>Mas se em Troia ele pecou Logo conseguiu Redenção Por moidi fundar a querida Lisboa E que bela criação.</p>

<b>QUADRO 3</b> Prisão de Vasco da Gama (episódio 2).	
<b>Obra original</b>	<b>Cordel</b>
<p>Insiste o Malabar em tê-lo preso, Se não manda chegar a terra a armada. Ele, constante e de ira nobre aceso, Os ameaços seus não teme nada; Que antes quer sobre si tomar o peso De quanto mal a vil malícia ousada Lhe andar Armando, que pôr em ventura A frota de seu Rei, que tem segura.</p>	<p>O Samorim abestalhado Se deixou ser envenenado Contra Paulo da Gama, o coitado, Que acabou preso e lascado.</p>

<b>QUADRO 4</b> Libertação de Vasco da Gama (episódio 3).	
<b>Obra original</b>	<b>Cordel</b>
Diz-lhe que mande vir toda a fazenda Vendível que trazia, para terra, Para que, devagar, se troque e venda; Que, quem não quer comércio, busca guerra. Posto que os maus propósitos entenda O Gama, que o danado peito encerra, Consente, porque sabe por verdade Que compra com a fazenda a liberdade.	Paulo então começou a matutar: Melhor entregar o que me pedem Que colocar as naus em risco Mas só de pensar nisso ficou logo arisco  No dia seguinte, Resolveu se render Dividiu parte dos seus bens Para no xilindró não se meter.

*Primeiro encontro:* Nesse encontro, é essencial tomar conhecimento dos entendimentos prévios dos alunos acerca da literatura de cordel e d'*Os Lusíadas*. Para a efetivação desse propósito, uma conversa entre toda a sala será instigada por meio de questionamentos como quem sabe o que é literatura de cordel, se os alunos já ouviram ou leram algum cordel, em que meios tiveram contato com esse gênero e suas impressões iniciais. Já sobre a obra camoniana, serão discutidas indagações como se os alunos conhecem a obra e sua temática, se já tiveram contato com ela e se já ouviram falar de seu autor. Espera-se, com base nisso, compreender a disposição dos alunos para o projeto que será iniciado.

Após a primeira conversa, o projeto será apresentado aos alunos. Eles serão informados de que nos próximos dois encontros vão ser trabalhados episódios do canto VIII d'*Os Lusíadas* adaptados para a literatura de cordel, para entenderem a temática do livro e se familiarizarem com o gênero cordel. Além disso, ficarão cientes de que no quarto encontro um cordelista será convidado a participar

do projeto para que eles possam se tornar ainda mais próximos do cordel, com o auxílio de uma referência no gênero.

*Segundo encontro:* Será trabalhado o episódio 1 do canto VIII d'Os *Lusíadas* adaptado para o cordel. Serão disponibilizadas aos alunos cópias da releitura desse canto, para que possam acompanhar efetivamente. O docente começará com a leitura, para que os discentes tomem conhecimento de algumas das estratégias de leitura desse gênero, além de atentarem para os aspectos linguísticos que se assemelham à realidade deles. Após o professor ter lido parte do cordel, os alunos serão convidados a ler também em voz alta, partindo do que eles puderam perceber diante da leitura do professor. Esse método de abordagem é justificado por Alves e Marinho (2012), quando afirmam que a atividade de ler em voz alta, bem como sua repetição, são importantes para a percepção do ritmo dos cordéis e suas entonações.

Ao término da leitura desse episódio, os minutos finais da aula serão utilizados para uma breve reflexão entre toda a turma a respeito do que puderam perceber da obra de Camões e suas impressões sobre o cordel. Dentre essas impressões busca-se verificar a atenção dos discentes para as rimas, versos, entonação ao recitar, ritmo e identificação com o gênero. As considerações feitas pelos alunos serão anotadas pelo docente e servirão para os próximos encontros, ou seja, uma espécie de preparação para o quarto encontro com a participação do cordelista.

*Terceiro encontro:* O segundo e terceiro episódios — respectivamente, “Prisão de Vasco da Gama” e “Libertação de Vasco da Gama” — serão trabalhados em sala de aula por meio de leitura coletiva entre os alunos. Por já terem observado o modo como o docente lê o cordel, e já terem também lido na aula anterior, os estudantes já estarão de certa forma familiarizados com algumas estratégias de leitura, mesmo que de maneira não sistematizada.

A escolha de propor a leitura antes mesmo que tenham contato com questões formais da oralização do cordel, como rima e entonação, é embasada pela ideia de que

Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritivas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações (ALVES; MARINHO, 2012, p. 12).

Com base nisso, é preferível que os alunos leiam, para que sejam estimulados, e só depois estudem, de maneira sistematizada, certas especificidades do gênero cordel e de seu modo de leitura. Ao fim do terceiro encontro, deve-se formar uma roda de conversa para que os estudantes partilhem suas interpretações confrontando-as entre si e tendo contato com novas possibilidades de leitura, já que ler é produzir sentidos, como advoga Cafieiro (2010). Além disso, os alunos devem ser avisados da visita de um cordelista no encontro seguinte para que organizem suas dúvidas e curiosidades a serem esclarecidas na conversa com o profissional do cordel.

*Quarto encontro:* Trabalhados os três episódios do canto VIII nos encontros anteriores, é chegado o momento de aproximar ainda mais os alunos do universo da literatura de cordel; nesse intuito, é muito produtivo convidar um cordelista para participar do quarto e último encontro.

A ideia é que a aula seja dividida entre o docente e o cordelista, para cada um deles contribuir a seu modo para o conhecimento da literatura de cordel. O cordelista deverá falar sobre sua experiência enquanto poeta popular, as preferências métricas e rítmicas de suas produções, bem como ler cordéis com os alunos para que eles se familiarizem com traços da leitura de um profissional da área.

Além disso, cabe ao professor apresentar um panorama sobre a

literatura de folhetos, considerando seu surgimento e evolução ao longo dos anos, além de evidenciar suas relações com a oralidade, a marginalização e as ligações existentes entre a literatura clássica e a literatura de cordel. Este também deve ser o momento de abordar, com a ajuda do profissional, os aspectos próprios da oralização do cordel, como ritmo e entonação, e questões estruturais, como métrica e rimas, para que os estudantes tomem conhecimento das questões técnicas que tal leitura exige. Toda discussão deve ser construída com base nas respostas dos alunos durante a avaliação diagnóstica explicitada no primeiro encontro.

Por conseguinte, os alunos poderão tirar dúvidas com o especialista, e o encontro deve ser encerrado com uma discussão a respeito da experiência de leitura da nossa adaptação em cordel. Eles devem, também, ser questionados sobre o interesse de ler a obra clássica que originou a adaptação e se indicariam o cordel para outras pessoas, pois assim será possível saber a impressão que o texto lhes causou.

### **Conclusão**

Logo, é necessário encarar o acesso à literatura como um direito de todo e qualquer aluno; mais além, é fundamental nessa discussão oferecer as condições necessárias para um aprendizado satisfatório e humanizador. Muitas vezes, trabalhar com a obra original não favorece aos discentes a oportunidade de um contato amistoso, capaz de transformar a sala de aula num espaço de produção e experiência das obras literárias. Por isso, o trabalho com a adaptação foi apresentado aqui como uma alternativa possível ao ensino dos clássicos, com foco n'*Os Lusíadas*, para que o conteúdo literário não seja repassado sem que exista um real aproveitamento.

Ressalte-se ainda que, diferentemente do que muitos pensam, a adaptação, quando bem elaborada, não empobrece a obra clássica, pois torna-se um meio de ensinar/aprender o texto canônico mediante uma linguagem acessível ao alunado. As adaptações citadas

aqui, e a por nós proposta (cf. Anexo), são provas disso. Ademais, não incentivamos a substituição da obra original pela adaptação. Em realidade, enxergamos a adaptação como uma forma importante de fazer que o aluno adquira apreço pela literatura e possa debruçar-se, posteriormente, sobre obras clássicas.

Por conseguinte, advogamos a possibilidade de trabalhar *Os Lusíadas* com base na adaptação para a literatura de cordel, pela facilidade desse gênero em atingir a população mediante um vocabulário simples e sociável. Acreditamos, por meio disso, proporcionar a junção entre a literatura clássica e a popular, visando a um possível interesse por parte dos alunos em ler, futuramente, com um olhar mais maduro, a produção camoniana. Por fim, esperamos que outros estudos se proponham refletir sobre a adaptação do texto clássico para que novas possibilidades de trabalho sejam exploradas e apresentadas aos docentes, sujeitos que podem ser favorecidos por discussões dessa natureza.

**RECEBIDO:** 14/04/2020    **APROVADO:** 14/10/2020

#### REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999. p. 73-108.

ABREU, Márcia. Então se forma a história bonita: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ALVES, Hélder. Literatura de cordel na escola: vivência artística ou utilitarismo. In: LIMA, Maria; ALVES FILHO, Francisco; COSTA, Catarina. (org.). *Colóquios linguísticos e literários: enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos*. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 175-192.

ALVES, Hélder; MARINHO, Ana. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 10-132.

AYALA, Maria. Aprendendo a apreender a cultura popular. In: PINHEIRO, Hélder (org.). *Pesquisa em literatura*. Campina Grande: Bagagem,

2003. p. 83-119.

BARBOSA, Socorro (org.). *Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001. p. 9-23.

BRAGATO FILHO, Paulo. *Pela leitura literária na escola de 1.º grau*. São Paulo: Ática, 1995. p. 85-92.

CAFIERO, Delaine. Letramento e cultura: formando leitores críticos. In: BRASIL, SEF. *Língua portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: SEF, 2010. p. 85-106.

CALVINO, Italo (org.). *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-16.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Organização, apresentação e notas Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 223-249. v. 689.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Vários escritos*. 5. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARVALHO, Diógenes. *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusóé no Brasil*. 2006. 603 f. Tese (Doutorado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CAVALCANTE, Adriana. *Romance recontado em prosa e verso: diálogos entre o “clássico” e a literatura de cordel em sala de aula*. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) — Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

CAVALCANTI, Lailson. *Lusíadas 2500*. Pernambuco: Companhia Editora, 2006. p. 34-50.

CONCEIÇÃO, Claudia; GOMES, Carlos. A formação do leitor por meio da literatura de cordel, *Leia Escola*, Campina Grande, v. 16, n. 2, p. 96-109, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 145-158.

JOUVE, Vicent. *Por que estudar literatura?* Tradução Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. p. 7-18.

KLEIMAN, Angela (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade). p. 21-35.



KOCH, Ingedore. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 32-50.

LIVROCLIP 'OS LUSÍADAS', de Camões. [S. l.: s. n.], 2007. 1 vídeo (3:24 min). Publicado por oCANALdoLIVRO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=anFtGooXK74>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MACHADO, Ana. *Como e por que ler clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 12-13.

MARCUSCHI, Luiz. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 45-67.

NASCIMENTO, Varneci. *A escrava Isaura em cordel*. [Adaptado da obra de] Bernardo Guimarães. Ilustrações Valderio Costa. São Paulo: Nova Alexandria, 2011. (Coleção Clássicos em Cordel).

PALHANO, João. *Formação de palavras e estilo: inventividade na literatura popular impressa*. 1998. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1998.

ROCHA, Andréa. A epopeia da hora e a epopeia de sempre, *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 58, p. 5-11, nov. 1980.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy; BRANDÃO, Heliana; MACHADO, Maria (org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 17-48.

### **MINICURRÍCULOS**

Rodrigo Paz e Nailson Monteiro são graduandos em Letras — Licenciatura em Língua Portuguesa —, pela Universidade Federal de Pernambuco.

### **ANEXO**

Capa e contracapa da adaptação do canto VIII d'*Os lusíadas* para a literatura de cordel, intitulada *Fuleragem contra Vasco da Gama*.

